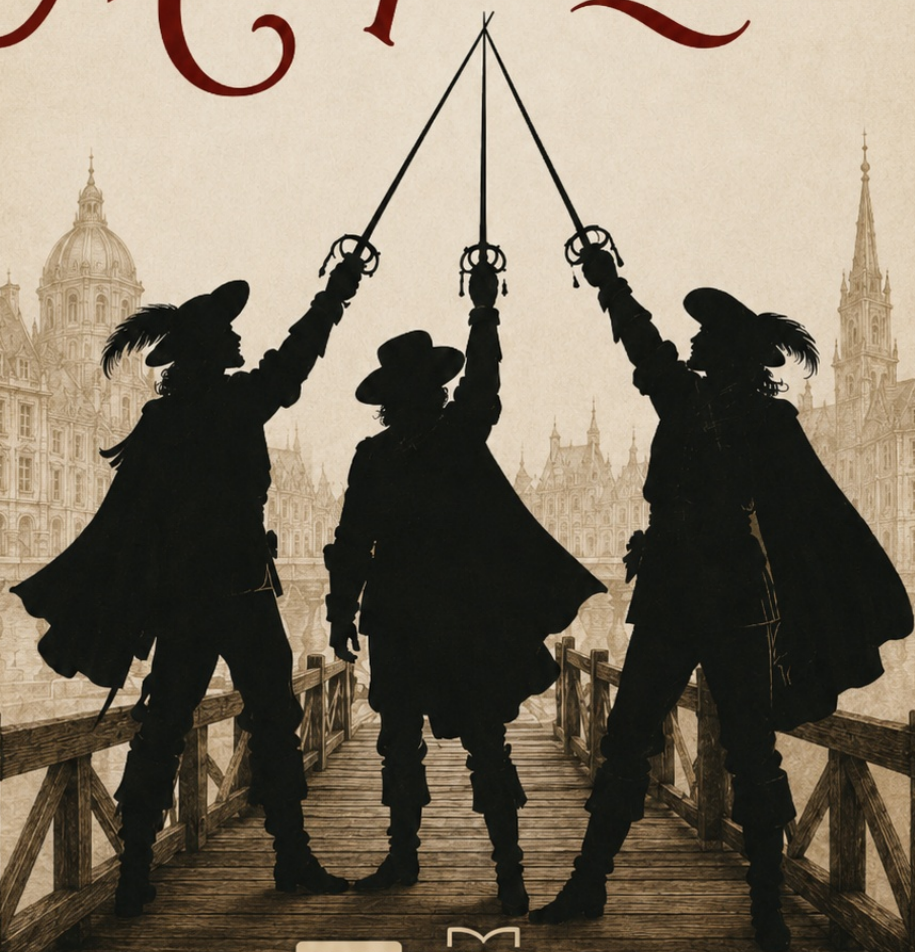


ALEXANDRE DUMAS



Os Três Mosqueteiros



BAIXE LIVROS

Sua Biblioteca Virtual Gratuita

OS TRÊS MOSQUETEIROS

Alexandre Dumas

Adaptação para jovens leitores

Tradução
Elder Franca

Adaptação
Anderson Abreu

Baixe Livros · 2026

FICHA TÉCNICA

TÍTULO	Os Três Mosqueteiros
TÍTULO ORIGINAL	Les Trois Mousquetaires
AUTOR	Alexandre Dumas
PUBLICADO EM	1844
ADAPTAÇÃO	Anderson Abreu
TRADUÇÃO	Elder Franca
PÚBLICO	Jovens Leitores
EDIÇÃO	Baixe Livros, 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Texto adaptado do romance *Les Trois Mousquetaires*, publicado por Alexandre Dumas em 1844. As divisões em capítulos e os títulos são editoriais, destinados a orientar a leitura.

A nota de abertura e as Notas do tradutor, ao final do volume, situam o leitor entre o que é história de verdade e o que é invenção do romancista.

LICENÇA DE USO

Disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma BaixeLivros. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão. Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do adaptador.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Baixe outros livros gratuitamente em baixelivros.com.br

Sumário

Sobre esta adaptação	1
1 Um cavalo amarelo e três presentes	2
2 O homem da cicatriz	6
3 Três duelos marcados para o mesmo dia	10
4 Um por todos e todos por um.....	17
5 A senhora Bonacieux	23
6 As agulhetas de diamantes.....	28
7 A corrida para Londres	33
8 O segredo de Athos	40
9 Milady	44
10 O cerco de La Rochelle	49
11 O café da manhã no bastião	54
12 Milady na Inglaterra	58
13 O convento de Béthune	62
14 O julgamento de Milady.....	66
15 O cardeal e o gascão.....	71
16 Conclusão	77
Notas do tradutor	81

Sobre esta adaptação

Esta é uma adaptação do romance *Os Três Mosqueteiros* (1844), de Alexandre Dumas, recontada para leitores de 9 a 12 anos. A história, os personagens e o espírito de aventura da obra original foram preservados; a linguagem foi atualizada e alguns episódios foram condensados para tornar a leitura mais fluida.

CAPÍTULO 1

Um cavalo amarelo e três presentes

Na primeira segunda-feira de abril de 1625, um rapaz de dezoito anos entrou na cidadezinha de Meung montado num cavalo tão esquisito que todo mundo parou para olhar.

Era um cavalinho velho, de uns treze anos, com o pelo de um amarelo desbotado, quase sem rabo e com a cabeça mais baixa que os joelhos. Em cima dele, muito empertigado, vinha o rapaz: magro, moreno, de queixo forte e olhos vivos, com uma espada comprida demais

batendo na perna. Ele se chamava D'Artagnan, vinha da Gasconha — uma região do sul da França famosa por produzir gente corajosa e cabeça-quente — e estava indo tentar a sorte em Paris.

Ao partir de casa, o pai lhe dera três presentes.

O primeiro foi o cavalo amarelo. “Nasceu na nossa casa, nunca o venda; deixe-o morrer de velhice, com todo o respeito que merece”, recomendou o velho senhor.

O segundo foi uma bolsinha com quinze escudos — todo o dinheiro que a família podia dar.

O terceiro, o mais valioso: uma carta de apresentação para o senhor de Tréville, um antigo vizinho que subira na

vida e agora era nada menos que o capitão dos mosqueteiros do rei.

E, junto com os presentes, vieram os conselhos:

— Meu filho, você é jovem e deve ser valente por dois motivos: primeiro, porque é gascão; segundo, porque é meu filho. Não fuja nunca de uma aventura e não aceite desaforo de ninguém — a não ser do rei e do senhor cardeal. Hoje em dia, é com a coragem que um homem abre seu caminho no mundo. Eu lhe ensinei a usar a espada: você tem pernas de ferro e punhos de aço. Bata-se sempre que houver um bom motivo — e, se não houver motivo, bata-se assim mesmo!

A mãe de D'Artagnan, chorando, acrescentou um quarto presente: a receita de um bálsamo milagroso, ensinada por uma cigana, que curava qualquer ferimento que não atingisse o coração.

Com o cavalo, os escudos, a carta e a receita, D'Artagnan partiu. E, como o pai mandara não aceitar desaforo de ninguém, foi a viagem inteira de punho fechado, achando que cada sorriso era um insulto e cada olhar, uma provocação. Levou a mão à espada umas dez vezes por dia. Felizmente para os moradores do caminho, não chegou a sacá-la nenhuma vez.

Até chegar a Meung.

CAPÍTULO 2

O homem da cicatriz

Na porta da hospedaria de Meung, D'Artagnan viu, numa janela do térreo, um senhor elegante e de ar importante conversando com dois homens. Era um fidalgo de uns quarenta anos, olhos penetrantes, cabelo escuro — e uma cicatriz na têmpora.

O homem olhava para o cavalo amarelo e ria.

— Esse cavalo é, ou melhor, foi na juventude, um botão-de-ouro — dizia ele aos companheiros, que gargalhavam.

D'Artagnan sentiu o sangue ferver. Rir do cavalo dele era rir dele!

— Ria do cavalo quem não se atreve a rir do dono! — gritou o rapaz.

— Não rio com frequência, senhor — respondeu o desconhecido, friamente —, mas faço questão de rir quando me dá vontade.

— Pois eu não admito que riam quando NÃO me dá vontade! — devolveu D'Artagnan, furioso.

E partiu para cima do homem de espada em punho. Não teve chance: os criados da hospedaria e os companheiros do fidalgo caíram em cima dele com paus e pás, e D'Artagnan acabou desmaiado, machucado e carregado para dentro.

Enquanto o rapaz era socorrido lá dentro, aconteceu uma coisa curiosa. Uma carruagem parou diante da hospedaria, e na janela apareceu uma jovem senhora, loira, lindíssima, de grandes olhos azuis. O homem da cicatriz aproximou-se e conversou com ela em voz baixa. Chamou-a de **Milady** e deu-lhe ordens misteriosas: ela devia voltar à Inglaterra e avisar imediatamente se um certo duque saísse de Londres. Depois cada um partiu para um lado, a serviço de alguém muito poderoso.

Quando D'Artagnan voltou a si e desceu, procurando briga, o homem da cicatriz já estava indo embora. E o pior: ao pagar a conta, o rapaz descobriu que a

carta para o senhor de Tréville tinha sumido da sua bolsa. Fora roubada — e ele tinha um bom palpite sobre quem mandara roubá-la.

— Aquele covarde me paga! — jurou D'Artagnan. — Nem que eu tenha que procurá-lo o resto da vida!

Ele ainda não sabia, mas acabava de conhecer dois dos seus maiores inimigos.

Em Paris, vendeu o cavalo amarelo por três escudos (desobedecendo ao pai, é verdade — mas convenhamos que o animal já tinha cumprido a sua missão), alugou um quartinho pobre na rua dos Coveiros e, no dia seguinte, foi bater à porta do palácio do senhor de Tréville.

CAPÍTULO 3

Três duelos marcados para o mesmo dia

O palácio de Tréville parecia um quartel em dia de festa. Pelo pátio e pelas escadas circulavam os mosqueiros do rei — soldados de elite, valentes, barulhentos, elegantes, que só obedeciam ao rei Luís XIII e ao seu capitão, e que viviam às turras com os guardas do cardeal Richelieu.

Aqui é preciso explicar uma coisa. Naquele tempo, a França tinha um rei, mas quem mandava de verdade era o seu

primeiro-ministro, o cardeal de Richelieu — um homem genial, poderoso e temido, que tinha espiões em toda parte. O rei tinha os seus mosqueteiros; o cardeal tinha os seus guardas; e as duas tropas se detestavam com todas as forças. Bastava um mosqueteiro cruzar com um guarda numa esquina para as espadas saltarem das bainhas — ainda que os duelos fossem proibidos por lei, sob penas severíssimas.

D'Artagnan atravessou aquela multidão de valentões e foi recebido pelo senhor de Tréville, que naquele momento estava de péssimo humor e começou a audiência gritando três nomes:

— Athos! Porthos! Aramis!

Entraram dois mosqueteiros: um gigante espalhafatoso chamado **Porthos**, que usava um cinturão dourado deslumbrante, e um moço bonito e discreto chamado **Aramis**, de modos delicados, que vivia dizendo que ser mosqueteiro era temporário e que seu destino era virar padre. O terceiro, **Athos**, não apareceu — estava ferido, explicaram os colegas, por causa de um encontro com os guardas do cardeal.

Tréville descascou os três por terem sido presos na véspera durante uma briga, mas dava para perceber que, no fundo, o capitão morria de orgulho dos seus homens. No meio da bronca, a porta se abriu e entrou um homem pálido, ainda fraco do ferimento: era

Athos, nobre, sereno, com um ar de grande senhor que impressionou D'Artagnan na hora. Fazendo força para parecer saudável diante do capitão, Athos acabou desmaiando ali mesmo e foi levado para casa.

Quando chegou a sua vez, D'Artagnan contou sua história a Tréville: a carta do pai, a viagem, o homem da cicatriz, o roubo. O capitão ouviu com simpatia — o pai do rapaz era seu velho amigo —, mas ninguém entra para os mosqueteiros assim, de mão beijada: primeiro era preciso servir uns dois anos num regimento comum e mostrar valor. Tréville prometeu escrever uma carta recomen-

dando D'Artagnan à academia dos cadetes, e já estava ditando quando o rapaz, olhando pela janela, deu um berro:

— Ele! O ladrão da minha carta!

Era o homem da cicatriz, atravessando a rua lá embaixo. D'Artagnan saiu voando pela escada como um furacão — e é aqui que a história começa a ficar boa.

Na escada, esbarrou com força no ombro de alguém: era Athos, que voltava do curativo. O mosqueteiro, sentindo o ferimento arder, não gostou nada.

— Desculpe — disse D'Artagnan —, estou com pressa.

— Está com pressa e acha que isso basta? Você é mal-educado, moço. Percebe-se que vem de longe.

Gascão não leva desaforo para casa. Palavra puxa palavra, e ficou combinado: duelo ao meio-dia, atrás do convento dos Carmelitas Descalços.

D'Artagnan continuou a correr. No portão, um mosqueteiro gigantesco conversava com um colega — era Porthos, exibindo seu famoso cinturão dourado. O rapaz, na disparada, enfiou-se debaixo da capa do gigante e descobriu sem querer um segredo terrível: o cinturão deslumbrante só era dourado na frente; atrás, era de couro comum. Porthos, morto de vergonha e de raiva, marcou outro duelo: à uma hora.

O homem da cicatriz, é claro, já tinha desaparecido. Voltando desanimado, D'Artagnan avistou Aramis conversando com dois fidalgos e pisando discretamente num lencinho de dama, todo bordado, que deixara cair. Querendo ser gentil, o rapaz apanhou o lenço e entregou-o na frente de todos:

— Creio que este lenço é seu, senhor.

Era exatamente o que Aramis NÃO queria: o lenço era de uma dama misteriosa, e os fidalgos começaram a caçoar dele. Quando os outros se foram, Aramis marcou o terceiro duelo: às duas horas.

Três duelos no mesmo dia, com os três melhores espadachins da França! “Muito bem”, pensou D'Artagnan a caminho do convento. “Se eu morrer, pelo

menos morro pela mão de um mosque-
teiro.”

CAPÍTULO 4

Um por todos e todos por um

Ao meio-dia em ponto, D'Artagnan chegou ao terreno atrás do convento. Athos já o esperava — e logo chegaram os padrinhos do duelo, que eram nada mais, nada menos que Porthos e Aramis.

— Ué! — disse Porthos. — Eu duelo com esse rapaz à uma hora.

— E eu, às duas — disse Aramis.

Os três se entreolharam, espantados, e D'Artagnan cumprimentou-os com toda a elegância:

— Senhores, peço desculpas por uma coisa: temo não poder pagar minha dívida aos três. O senhor Athos tem o direito de me matar primeiro, o que deixa a dívida do senhor Porthos comprometida e a do senhor Aramis quase impossível. Agora, às suas ordens!

Athos e D'Artagnan mal tinham cruzado as espadas quando surgiu na esquina uma patrulha dos guardas do cardeal, comandada por um tal de Jussac.

— Duelo, hein? — gritou Jussac. — Isso é proibido! Larguem as espadas e venham presos.

Eram cinco guardas contra três mosqueteiros — porque Athos, ferido, mal podia lutar. Render-se aos guardas do cardeal, nunca. Mas a luta era desigual.

Foi então que D'Artagnan tomou a decisão que mudou a sua vida:

— Senhores — disse ele aos mosqueteiros —, corrijam-me se eu estiver errado: contei errado, somos QUATRO.

— Mas você não é mosqueteiro — disse Athos.

— Não tenho o uniforme, mas tenho o coração. Meu coração é de mosqueteiro, senhor, e ele me manda ficar.

— Afaste-se, rapaz — insistiu Jussac. — Você ainda pode ir embora.

D'Artagnan não foi embora. E naquela tarde, atrás do convento, os guardas do cardeal levaram uma das maiores surras da sua história. D'Artagnan, lutando como um demônio, derrotou o próprio Jussac, um dos melhores espadachins

do reino. Quando acabou, os quatro voltaram para o palácio de Tréville abraçados, ocupando a rua inteira, e D'Artagnan ia no meio deles como se desfilasse.

O caso fez barulho. O cardeal reclamou ao rei; mas o rei, no fundo, ficou encantado — os homens DELE tinham vencido os homens do cardeal! Luís XIII quis conhecer o gascão de dezoito anos que batera em Jussac, recebeu os quatro no palácio e deu a D'Artagnan um presente de quarenta pistolas de ouro, além de uma vaga na companhia de guardas do senhor des Essarts, cunhado de Tréville — a antessala dos mosqueteiros.

Dali em diante, D'Artagnan, Athos, Porthos e Aramis tornaram-se inseparáveis. Onde estava um, estavam os

quatro. As quarenta pistolas do rei foram gastas alegremente em jantares para o grupo todo; quando o dinheiro de um acabava, gastava-se o do outro; e quando acabava o de todos — o que acontecia com frequência —, davam um jeito, porque mosqueteiro de bolso vazio não perde a pose.

D'Artagnan contratou até um criado, um sujeito esperto e um pouco medroso chamado **Planchet**, que vai aparecer bastante nesta história. Athos tinha o silencioso Grimaud, Porthos tinha o vaidoso Mousqueton, e Aramis, o devoto Bazin.

Um dia, os quatro amigos juntaram as mãos e adotaram o lema que ficaria famoso no mundo inteiro:

— Um por todos e todos por um!

A senhora Bonacieux

Certa tarde, bateu à porta de D'Artagnan o seu senhorio, um comerciante gorducho e assustado chamado Bonacieux, dono do prédio onde o rapaz morava.

— Senhor D'Artagnan, dizem que o senhor é um moço valente... Preciso de ajuda. Raptaram a minha mulher!

A mulher dele, Constance Bonacieux, era jovem, bonita e esperta, e tinha um emprego especial: era costureira e dama de confiança da rainha da França,

Ana de Áustria. E aqui a história fica séria, porque a pobre rainha vivia cercada de inimigos. O rei, seu marido, era ciumento e desconfiado. O cardeal mandava espioná-la dia e noite — dizem as más línguas que porque a rainha um dia o desprezara, e ele nunca perdoou. A única alegria da rainha eram as cartas da sua terra natal, a Espanha, e a lembrança de um admirador distante: o duque de **Buckingham**, primeiro-ministro da Inglaterra, o homem mais elegante e poderoso daquele país, que era louco por ela.

— E quem raptou a sua esposa? — perguntou D'Artagnan.

— Um homem alto, moreno, de ar fidalgo... com uma cicatriz na têmpora!

— Ele! — explodiu D'Artagnan. — O meu homem de Meung! Dessa vez a conta chegou!

Bonacieux ainda explicou seu palpite: Constance fora raptada porque sabia dos segredos da rainha. Alguém queria usá-la — ou calá-la.

Naquela mesma noite, agentes do cardeal invadiram a casa para prender o próprio Bonacieux, que foi levado choramingando para a temível prisão da Bastilha. E montaram no apartamento dele uma armadilha: uma “ratoeira”. Todo mundo que batesse à porta era agarrado e interrogado. D'Artagnan, do quarto em cima, ouvia tudo por uma fresta no assoalho.

Na noite seguinte, ouviu gritos de mulher. Os homens do cardeal tinham apanhado na ratoeira uma moça que se de-atia:

— Eu sou da casa da rainha! Soltem-me!

Era Constance Bonacieux, que havia escapado dos raptos por conta própria — descendo pela janela com lençóis amarrados, imagine só — e voltara para casa sem saber do perigo. D'Artagnan não pensou duas vezes: desceu pela janela, entrou pela porta espada em punho e, sozinho, pôs os agentes do cardeal para correr.

Quando a poeira baixou, ele se viu diante de uma jovem de olhos brilhantes que o olhava com imensa gratidão. E

pronto: D'Artagnan, que era valente contra exércitos inteiros, foi derrotado ali mesmo, sem luta. Apaixonou-se na hora.

— O senhor me salvou! Como posso agradecer?

— Confie em mim — respondeu ele. — Estou ao seu serviço, e ao serviço da rainha.

Constance confiou. E fez bem, porque naquele exato momento a rainha precisava, desesperadamente, de alguém de confiança.

As agulhetas de diamantes

O que estava acontecendo no palácio era o seguinte. O duque de Buckingham viera a Paris em segredo, arriscando a vida só para ver a rainha por alguns minutos. Ana de Áustria recebeu-o apavorada, implorou que ele nunca mais voltasse — e, na despedida, emocionada, deu-lhe uma lembrança: um estojo com **doze agulhetas de diamantes**, um enfeite precioso que o próprio rei lhe dera de presente de aniver-

sário. Buckingham partiu para a Inglaterra levando o estojo como o maior tesouro do mundo.

Só que o cardeal, com seus espiões, soube de tudo.

E armou um plano diabólico. Primeiro, escreveu para uma agente secreta que mantinha em Londres — a bela Milady, aquela mesma da carruagem de Meung. As ordens: aproximar-se de Buckingham num baile, cortar disfarçadamente **duas** das doze agulhetas e enviá-las a Paris.

Depois, foi falar com o rei, todo inocência:

— Majestade, por que não oferece um grande baile à rainha? Ela anda triste... Ah, e peça que ela use as agulhetas de

diamantes que o senhor lhe deu. Vai ficar linda.

O plano era cruel e perfeito: no baile, a rainha apareceria sem as agulhetas — ou com apenas dez. O rei perguntaria onde estavam as outras. E o cardeal, então, revelaria que a rainha dera a joia ao inglês. Seria o escândalo do século, a desgraça completa de Ana de Áustria.

Quando o rei anunciou o baile e exigiu as agulhetas, a rainha quase morreu de pavor. As joias estavam em Londres! Falavam doze dias. Ela não podia contar com ninguém: nem com o marido, nem com os ministros, nem com as próprias damas de companhia, que eram quase todas espiãs do cardeal. Chorando, sem saída, ela se viu perdida.

Foi quando Constance Bonacieux, a costureirinha fiel, se ajoelhou diante dela:

— Majestade, eu conheço alguém. Um rapaz de coração de leão. Deixe comigo: essas agulhetas voltarão a tempo.

Naquela noite, Constance procurou D'Artagnan:

— O senhor disse que serviria à rainha... Pois é agora. Alguém precisa ir a Londres, entregar uma carta ao duque de Buckingham e voltar em menos de doze dias, com o cardeal e todos os seus espiões tentando impedir. É quase impossível e é muito perigoso. Aceita?

Aceita?! D'Artagnan quase voou até o teto.

— Pela rainha... e pela senhora, eu iria até o fim do mundo!

A corrida para Londres

O senhor de Tréville, ouvindo a história em segredo, deu quatro licenças e um conselho: “Quatro têm mais chance de chegar do que um.” Na madrugada seguinte, D’Artagnan, Athos, Porthos e Aramis saíram de Paris a galope, com os criados atrás, rumo ao porto de Calais.

A viagem virou uma guerra. O cardeal tinha semeado o caminho de armadilhas, e elas foram caindo sobre o grupo uma a uma.

Em Chantilly, um desconhecido provocou Porthos numa hospedaria, forçando um duelo. O gigante ficou para trás, lutando.

— Em frente! — gritou Athos. — Ele nos alcança depois!

Mais adiante, na estrada, uma emboscada: tiros saindo de uma vala. Uma bala furou o chapéu de D'Artagnan; outra acertou o ombro de Mousqueton. Aramis foi atingido no braço e não conseguiu seguir muito além: ficou febril numa hospedaria em Crèvecoeur.

— Em frente!

Já perto do porto, em Amiens, os dois que restavam pararam para dormir. De madrugada, o hoteleiro acusou Athos de pagar com dinheiro falso — era mentira,

claro, mais uma armadilha — e quatro homens armados caíram sobre o mosqueteiro.

— Estou preso! — gritou Athos, lutando contra todos ao mesmo tempo. — Vá, D'Artagnan! EM FRENTE!

D'Artagnan e Planchet esporearam os cavalos e não olharam para trás. Chegaram a Calais com os animais caindo de cansaço — e ali, no porto, a última armadilha: um fidalgo a serviço do cardeal, o conde de Wardes, tinha ordens de impedir qualquer suspeito de embarcar. Houve luta na praia; D'Artagnan venceu, tomou do adversário o passe de embarque e saltou para o navio no último minuto.

No dia seguinte, em Londres, o duque de Buckingham recebeu o mensageiro da rainha e leu a carta empalidecendo. Correu ao cofre onde guardava o estojo, abriu-o diante de D'Artagnan e soltou um grito:

— Faltam duas! Só há dez agulhetas aqui!

— Roubadas — disse D'Artagnan. — Veja se descobre quem chegou perto delas.

Buckingham pensou um instante e entendeu tudo:

— A condessa de Winter... Milady! Ela esteve comigo num baile, na semana passada. Ah, essa mulher é um demônio a serviço do cardeal!

Parecia o fim. Mas Buckingham era o homem mais poderoso da Inglaterra, e o poder, quando quer, faz milagres. Mandou chamar seu joalheiro particular:

— Quanto tempo para fazer duas agulhetas idênticas a estas?

— Uma semana, milorde.

— Pago o dobro se estiverem prontas em dois dias.

Em dois dias, as duas cópias estavam perfeitas, indistinguíveis das originais. Buckingham entregou a D'Artagnan o estojo com as doze agulhetas e ainda organizou para ele uma viagem de volta digna de rei: cavalos descansados esperando de posto em posto, um navio à disposição. Fechou os portos da Inglaterra por dois dias, para que nenhum

espião saísse na frente — coisa que só ele podia fazer.

E assim, na noite do grande baile, quando o rei estranhou que a rainha não usava as agulhetas, e o cardeal, com um sorrisinho, entregou-lhe as duas que Milady cortara, insinuando o escândalo... a rainha entrou no salão usando as **doze** agulhetas de diamantes, completas, faiscando nos seus ombros.

O rei contou. Doze. O cardeal contou. Doze! Ficou com as duas agulhetas avulsas na mão, feito bobo, e teve que inventar na hora que eram “um presente” para a rainha.

— Agradeço, Eminência — disse Ana de Áustria com um sorriso que era pura vingança —, embora estas duas devam

ter lhe custado tão caro quanto as doze custaram ao rei.

Escondido atrás de uma cortina, alguém saboreou a cena inteira. E mais tarde, num quartinho do palácio, Constance Bonacieux entregou a D'Artagnan um anel — lembrança de gratidão da rainha da França.

O cardeal, na sua sala, remói a derrota diante de um bilhete assinado por Milady: “Confie em mim, Eminência. Esse gascão vai pagar.”

O segredo de Athos

D'Artagnan estava feliz da vida — mas e os amigos, largados pelo caminho? Partiu para resgatá-los, um por um.

Encontrou Porthos em Chantilly, refeito do duelo (levara uma estocada, mas não admitia por nada: contava para todo mundo que tinha torcido o joelho). Encontrou Aramis em Crèvecoeur, curado do ferimento e cercado de padres, quase convencido a largar a espada e entrar para o convento — até D'Artagnan lhe entregar uma carta perfumada

de certa dama, e a vocação religiosa de Aramis, como sempre, ficar para depois.

Athos foi encontrado em Amiens, entrincheirado num porão da hospedaria, que ele defendera sozinho contra a casa inteira. Mas foi ali, numa noite de conversa franca, que D'Artagnan conheceu a história mais triste do seu amigo — e uma peça importantíssima deste quebra-cabeça.

Athos não era um simples mosqueiteiro: era um grande senhor, um conde, que escondia o nome verdadeiro. Quando jovem, apaixonou-se por uma moça de dezesseis anos, linda como um anjo, que aparecera na sua região vinda não se sabia de onde. Casou-se com ela

contra a opinião de todos e fez dela a primeira dama da sua terra.

Um dia, num passeio de caça, a moça sofreu uma queda do cavalo e desmaiou. Ao socorrê-la, Athos viu no seu ombro uma marca que o gelou dos pés à cabeça: uma **flor-de-lis** gravada a ferro quente.

Vocês precisam saber o que isso significava. Naquele tempo, a justiça marcava com ferro em brasa, com o desenho de uma flor-de-lis, os criminosos condenados por crimes graves. Aquela marca no ombro queria dizer que a mulher angelical com quem Athos se casara era, na verdade, uma criminosa condenada e fugida, que enganara a todos —

que roubara, mentira e destruía vidas fingindo ser um anjo.

O mundo de Athos desabou naquele dia. Ele entregou a mulher à justiça, e acreditava que ela tivesse morrido. Nunca mais amou ninguém; escondeu o título, o nome e o passado no uniforme de mosqueteiro; e afogava a lembrança em vinho e silêncio. D'Artagnan ouviu tudo e guardou a história no coração.

Se Athos soubesse quem estava, naquele exato momento, tramando em Paris...

CAPÍTULO 9

Milady

De volta a Paris, D'Artagnan recebeu duas notícias, uma péssima e uma preocupante.

A péssima: Constance Bonacieux fora raptada de novo — dessa vez por gente do cardeal, com a ajuda do próprio marido dela, o covarde Bonacieux, que saíra da Bastilha transformado em espião de Richelieu. Ninguém sabia onde Constance estava. D'Artagnan sentiu o chão faltar.

A preocupante: ele andava sendo seguido. E logo descobriu por quem — cruzou na rua com uma carruagem, e lá dentro estava a bela dama loira de Meung. Milady em pessoa, morando em Paris, na alta sociedade, apresentada a todos como condessa de Winter.

D'Artagnan resolveu jogar um jogo perigosíssimo: aproximar-se dela para descobrir seus segredos — e, quem sabe, chegar por ela até Constance. Passou a frequentar a casa de Milady. Ela o recebia com sorrisos encantadores; ele fingia estar apaixonado; os dois mentiam com a maior elegância, cada um estudando o outro.

A criada de Milady, uma mocinha boa chamada Ketty, tomou-se de simpatia pelo rapaz e o alertou:

— Fuja desta casa, senhor. A minha patroa não é o que parece. Ela odeia o senhor de morte — eu vi as cartas! Ela nunca perdoou o caso das agulhetas, e jurou se vingar.

D'Artagnan não fugiu — gascão não foge — e acabou descobrindo da pior maneira com quem estava lidando. Uma noite, por acidente, viu o ombro de Milady, que ela escondia de todo mundo com tanto cuidado.

No ombro branco havia uma flor-de-lis marcada a ferro.

Uma criminosa marcada. Loira, belíssima, com cara de anjo. A história de

Athos atravessou a memória de D'Artagnan como um raio, e a verdade caiu sobre ele: a mulher de Athos não tinha morrido. Estava viva, chamava-se agora Milady de Winter, e era a agente mais perigosa do cardeal.

Milady percebeu que ele tinha visto a marca. Seus olhos, tão doces um segundo antes, viraram os de uma fera. Agarrou um punhal e avançou; D'Artagnan escapou pela porta por um triz, e saiu daquela casa sabendo três coisas: que Milady guardava o segredo mais bem escondido da França; que quem conhecia aquele segredo não costumava continuar vivo; e que ele agora tinha uma inimiga mortal, paciente e implacável.

Quando contou tudo a Athos, o mosqueteiro ficou branco como cera.

— Viva... — murmurou ele. — Então ela está viva.

E dali em diante Athos nunca mais deixou D'Artagnan sozinho por muito tempo.

O cerco de La Rochelle

Nessa altura, a França entrou em guerra — e os quatro amigos foram para o front.

A cidade de La Rochelle, na costa oeste, tinha se rebelado contra o rei, e os ingleses de Buckingham prometiam ajudá-la. O exército francês cercou a cidade por terra, e o cardeal em pessoa foi comandar o cerco, construindo um dique gigantesco para fechar o porto. Era o grande duelo entre Richelieu e Buckingham — dois homens poderosos e,

dizem, os dois apaixonados pela mesma rainha.

Para D'Artagnan, a guerra começou estranha. Primeiro, numa ronda noturna, dois desconhecidos atiraram nele de tocaia; escapou por milagre, e descobriu que os atiradores eram homens pagos por Milady. Depois chegou ao acampamento um presente anônimo: uma caixa com garrafas de vinho, “enviadas pelos amigos”. Planchet ia servindo quando um soldado que provara o vinho antes caiu morto: envenenado. Milady de novo, paciente como uma aranha.

— Ela não vai parar — disse Athos, sombrio. — Conheço essa mulher.

Uma noite, voltando de uma missão, os três mosqueteiros pararam numa

hospedaria de estrada chamada Pombal Vermelho. Ali, por acaso, estava hospedado o cardeal — e ali Athos, com o ouvido colado num cano de lareira que subia do quarto de baixo, escutou uma conversa que valia um reino.

Richelieu dava instruções a uma agente que partia para a Inglaterra. A missão: procurar Buckingham e avisá-lo de que, se ele atacasse a França, um escândalo o destruiria. E, se ele não recusasse... bem, nesse caso, dizia o cardeal com frieza, era só encontrar algum fanático disposto a tudo, porque homens assim sempre aparecem.

A voz da agente era inconfundível: Milady.

Antes de partir, ela exigiu seu pagamento: a cabeça de D'Artagnan. E pediu ao cardeal um papel assinado, uma garantia para o que ela ia fazer. O cardeal escreveu e assinou:

Foi por minha ordem e para o bem do Estado que o portador desta carta fez o que fez.

Uma carta branca! Com aquilo, Milady podia cometer qualquer crime e sair impune. Quando o cardeal foi embora, Athos subiu ao quarto dela como um fantasma do passado. Milady virou-se e viu, à luz da vela, o marido que julgava ter deixado para trás para sempre.

— O conde... — balbuciou ela, branca de terror.

— Sim. Athos para os outros. Você pensava que eu estava morto, como eu pensava de você. Estamos quites no engano. Agora escute: pouco me importa a sua vida de crimes a serviço do cardeal. Mas você jurou destruir D'Artagnan. Ele é meu amigo. Toque num fio de cabelo dele, e juro que será o seu último crime.

— E estendeu a mão: — O papel que o cardeal assinou. Entregue.

Havia algo nos olhos de Athos que nem Milady ousou desafiar. Trêmula de ódio, entregou a carta branca. Athos guardou-a no bolso — guardem vocês também essa carta na memória, porque ela ainda vai decidir um destino — e desapareceu na noite.

O café da manhã no bastião

Alguns dias depois, aconteceu um dos episódios mais famosos desta história.

Os quatro amigos precisavam conversar em particular — tinham segredos demais e o acampamento tinha ouvidos demais. Foi Athos quem teve a ideia maluca. Na taberna, diante de vários oficiais, um deles duvidou da coragem dos mosqueteiros, e Athos propôs uma aposta:

— Aposto que eu e meus três companheiros tomamos café da manhã no bastião Saint-Gervais e aguentamos lá uma hora inteira, aconteça o que acontecer.

A mesa inteira ficou muda. O bastião Saint-Gervais era uma fortificação em ruínas no meio do campo de batalha, entre as linhas francesas e a cidade inimiga — o lugar mais perigoso da região. Ir até lá para tomar café era loucura completa.

A aposta foi aceita: um jantar magnífico contra a proeza. Na manhã seguinte, sob os olhares do acampamento inteiro, os quatro atravessaram tranquilamente o descampado carregando cestas de comida, frangos assados e garra-

fas, com Grimaud atrás, e instalaram-se nas ruínas como quem faz piquenique no parque.

E ali, entre um gole e um tiro — porque os soldados de La Rochelle, é claro, vieram atacar, e foram recebidos a bala e a pedra, e a muralha desabando sobre eles —, os quatro amigos tiveram, enfim, sua conversa particular. O assunto era gravíssimo: Milady partira para a Inglaterra a fim de tramar a morte de Buckingham; Constance estava escondida num convento (isso Athos arrancara da conversa do cardeal); e, quando Milady voltasse, viria atrás de D'Artagnan e de todos eles.

O plano ficou traçado: avisar em segredo o cunhado inglês de Milady, **lorde**

de Winter, sobre quem ela realmente era; avisar a rainha sobre o perigo que Buckingham corria; e descobrir em que convento estava Constance, para tirá-la de lá antes de Milady.

Quando a uma hora se completou, os quatro voltaram para o acampamento debaixo de aplausos, trazendo a bandeira improvisada — um guardanapo espetado numa lança — crivada de balas. O cardeal, informado da façanha, resmungou para Tréville:

— Esses seus mosqueteiros... Diga a eles que os admiro. E que os temo.

Milady na Inglaterra

Milady desembarcou na Inglaterra certa da vitória — e caiu numa armadilha. O aviso dos mosqueteiros tinha chegado antes dela: no porto, quem a esperava era o cunhado, lorde de Winter, que a conduziu “gentilmente” a um castelo à beira-mar e trancou-a num quarto do alto de uma torre.

— A senhora fica aqui, cunhada querida, até o navio que vai levá-la para bem longe — disse ele. — Sei quem você é. Sei o que fez. E sei o que veio fazer.

Como carcereiro, escolheu um jovem oficial de absoluta confiança: **John Felton**, um soldado sério, religioso e duro como pedra, que ele criara como um filho. “Cuidado”, avisou lorde de Winter, “essa mulher é uma serpente. Não converse com ela, não a escute, não olhe demais para ela.”

Ah, mas trancar Milady num quarto era como trancar o vento. Ela não tinha espada nem veneno — tinha algo pior: uma inteligência brilhante e nenhum, absolutamente nenhum escrúpulo. Em poucos dias de choros calculados, orações fingidas e histórias inventadas, aquela atriz genial convenceu o pobre Felton de que era uma santa perseguida, uma vítima inocente de homens maus, e

de que o maior desses homens maus era justamente o duque de Buckingham.

Felton, coitado, acreditou em cada palavra. Numa noite de tempestade, serrou as grades da janela, desceu com Milady pela muralha do castelo e a pôs num barco. E foi além — foi fazer “justiça” com as próprias mãos.

Na manhã seguinte, no porto de Portsmouth, onde a frota inglesa se preparava para zarpar rumo à França, Felton procurou o duque de Buckingham e cravou-lhe uma faca no peito. O grande duque, o homem mais poderoso da Inglaterra, morreu ali, segurando nas mãos a última carta da rainha da França. E, da janela, antes de ser preso, Felton viu ao longe, no mar cinzento, o navio

de Milady se afastando — e entendeu, tarde demais, que fora enganado e abandonado como um brinquedo velho.

Milady seguia para a França com a missão cumprida. No seu caderninho de vinganças, faltavam poucos nomes. O próximo era o de uma costureirinha da rainha, escondida num convento em Béthune.

Porque Milady sabia — o cardeal lhe contara — exatamente onde Constance Bonacieux estava.

O convento de Béthune

A rainha, querendo proteger Constance, a escondera no convento das Carmelitas de Béthune, no norte da França. Ali, entre muros tranquilos, a moça esperava e sonhava com o dia do reencontro com seu mosqueteiro.

Uma manhã, chegou ao convento uma dama fugida “de perseguições do cardeal”, tão bonita, tão simpática, tão sofrida. As freiras a acolheram; Constance, boa como era, tornou-se sua amiga e confidente em poucos dias. Contou-lhe

tudo: seu nome, sua história e a esperança de que D'Artagnan viesse buscá-la.

A dama ouvia com o mais doce dos sorrisos. Era Milady.

Enquanto isso, os quatro amigos galopavam para Béthune com o coração aos pulos, porque tinham descoberto, horrorizados, para onde Milady tinha ido. Lorde de Winter, vindo da Inglaterra atrás da fugitiva, juntou-se a eles no caminho. Era uma corrida contra o tempo — e eles chegaram tarde.

Quando o barulho dos cavalos soou no portão do convento, Milady entendeu que estava sem tempo. Ofereceu à amiga uma taça de vinho, “para lhe dar

forças para a viagem”, beijou-a na testa e fugiu pela porta dos fundos.

D’Artagnan entrou na sala em tempo de segurar Constance nos braços. Ela ainda sorriu ao vê-lo, ainda disse o nome dele, ainda apontou a taça e murmurou o nome da falsa amiga. O veneno de Milady não deixava escapar ninguém. Constance Bonacieux, a costureirinha corajosa que salvara a honra da rainha, morreu nos braços do homem que a amava, no dia em que ele veio buscá-la.

D’Artagnan chorou como nunca tinha chorado na vida. Athos, que conhecia aquela dor melhor do que ninguém, apertou o amigo no peito e disse baixinho:

— Chore agora. Depois, levante-se. Falta o fim.

E ao grupo juntou-se, naquela mesma noite, um estranho: um homem alto, calado, envolto numa capa vermelha, que Athos fora buscar sabe-se lá onde e a quem os outros não conheciam. Athos disse apenas:

— Ele vem conosco. Tem mais direito do que qualquer um de nós.

O julgamento de Milady

Seguiram o rastro de Milady através da noite e da chuva, de vila em vila, até uma casinha isolada na margem do rio Lys, quase na fronteira. Cercaram a casa em silêncio. Quando Milady ergueu os olhos, viu entrarem, um a um, todos aqueles a quem havia ferido: D'Artagnan, Athos, Porthos, Aramis, lorde de Winter — e, por último, o homem da capa vermelha.

— O que querem? — gritou ela, encostada à parede.

— Queremos — respondeu Athos — julgar Charlotte Backson, que primeiro se chamou Anne de Breuil, depois condessa de La Fère, depois lady de Winter, baronesa de Sheffield. Procuramos uma mulher com muitos nomes — e com um crime atrás de cada um deles.

E ali, naquela sala pobre, à luz de uma lamparina, fez-se o mais estranho dos tribunais. Um a um, os presentes disseram do que a acusavam. D'Artagnan a acusou da morte de Constance e das tentativas contra a sua própria vida. Lorde de Winter a acusou da morte do irmão, seu marido, e da ruína de Buckingham e de Felton. Athos a acusou de ter enganado e desonrado sua casa e seu nome.

— E o senhor? — perguntou Athos ao homem da capa vermelha. — De que a acusa?

O homem avançou para a luz. Milady olhou para o rosto dele e, pela primeira vez em toda esta história, gritou de puro pavor, como se visse a própria consciência de pé na sua frente.

Ele era o carrasco da cidade de Lille — o executor da justiça. E contou sua história: muitos anos antes, aquela mulher, então uma jovem noviça de convento, enganara e destruíra um rapaz que era seu irmão, um jovem padre, levando-o ao crime e à morte por causa dela. Fora ele mesmo, o carrasco, obrigado pelo ofício, quem marcara no ombro dela a flor-de-lis — e ela escapara, deixando

atrás de si a primeira das suas muitas vítimas.

— Ninguém aqui a condena por vingança — disse Athos por fim —, mas pelos seus crimes, provados um a um. A senhora fez do engano uma arma e da morte um instrumento. A justiça dos homens a alcançou esta noite.

Os juízes daquela noite a condenaram à morte, e a sentença foi cumprida pelo carrasco de Lille, na margem escura do rio Lys, longe dos olhos de todos. Assim terminou a vida de Milady de Winter, a mulher mais perigosa da França — e é tudo o que precisa ser contado sobre essa noite triste, de que nenhum dos quatro amigos jamais gostou de falar.

Quando tudo acabou, Athos ficou um longo tempo olhando o rio correr na escuridão. Ninguém soube nunca o que ele pensou ali. Depois montou no cavalo e disse apenas:

— Vamos. A guerra nos espera.

O cardeal e o gascão

A caminho de La Rochelle, a história deu seu último nó. Numa taberna de estrada, D'Artagnan foi encontrado por um cavaleiro que o procurava havia semanas: um fidalgo de cicatriz na têmpora. O homem de Meung! Que se apresentou, enfim, com nome e sobrenome:

— Sou o cavaleiro de **Rochefort**, escudeiro do senhor cardeal. Tenho ordens de prendê-lo, senhor D'Artagnan, e de levá-lo a Sua Eminência.

Dessa vez não houve luta. Escoltado pelos três amigos — que se recusaram a largá-lo, palavra de gentis-homens —, D'Artagnan foi levado à presença de Richelieu. E ali, de pé diante do homem mais temido da Europa, o rapaz de dezenove anos viveu a conversa mais perigosa da sua vida.

— O senhor está preso por ordem minha — disse o cardeal. — Acusam-no de crimes gravíssimos, que já derrubaram cabeças bem mais altas que a sua.

— E quem me acusa, Monsenhor? Uma mulher marcada pela justiça, que teve dois maridos ao mesmo tempo, que envenenou pessoas inocentes e tentou me matar três vezes?

— Que história é essa? — espantou-se o cardeal. — De quem está falando?

— De Milady de Winter. Ela está morta, Monsenhor. Foi julgada pelos seus crimes e pagou por eles.

E D'Artagnan contou tudo: o convento, o veneno, Constance, o julgamento na casa do rio Lys. O cardeal ouviu em silêncio — e um arrepio, coisa raríssima, percorreu-lhe as costas.

— Os senhores se fizeram de juízes por conta própria — disse ele, afinal, com voz perigosamente suave. — Sabe que quem pune sem ter esse direito é chamado de assassino? O senhor será julgado. E provavelmente condenado.

— Monsenhor, outro homem no meu lugar responderia que tem o perdão no

bolso. Eu digo apenas: ordene, e obedecerei.

— Perdão? Assinado por quem? — desdenhou o cardeal. — Pelo rei?

— Não. Por Vossa Eminência.

E D'Artagnan estendeu-lhe um papel. O cardeal reconheceu a própria letra:

Foi por minha ordem e para o bem do Estado que o portador desta carta fez o que fez.

Era a carta branca que ele dera a Milady — a mesma que Athos arrancara dela na hospedaria do Pombal Vermelho e entregara a D'Artagnan, dizendo: “Um dia, isto valerá a sua vida.”

Fez-se um longo silêncio. Richelieu ficou olhando aquele papel, pensativo, e

quem o observasse veria seu rosto sombrio clarear devagarinho. Grandes homens reconhecem grandes adversários — e sabem, melhor ainda, quando é mais inteligente transformá-los em aliados. O cardeal guardou a carta branca, sentou-se, escreveu algumas linhas num pergaminho novo e estendeu-o ao rapaz:

— Tome, senhor. Tirei de você uma carta branca; devolvo outra. É uma patente de **tenente dos mosqueteiros**. O nome está em branco: o senhor mesmo o escreverá.

Tenente dos mosqueteiros! Aos dezanove anos! Era o sonho de D'Artagnan multiplicado por dez. Mas o rapaz tinha aprendido muito naquele ano:

— Monsenhor, essa honra não é minha. Tenho amigos que merecem mais...

— Faça da patente o que quiser — cortou o cardeal, quase sorrindo. — Mas lembre-se: é a você que eu a dou. — E, virando-se para a porta, chamou: — Rochefort! O senhor D'Artagnan agora é meu amigo. Abracem-se os dois, e juízo!

Os dois velhos inimigos se abraçaram diante do cardeal, apertando os dentes — mas o tempo, acreditem, acabaria transformando aquele abraço forçado numa amizade de verdade.

Conclusão

D'Artagnan levou a patente em branco aos três amigos, oferecendo-a a cada um. Athos recusou: “Para o conde de La Fère é pouco; para o mosqueteiro Athos é muito.” Ele deixaria o serviço em breve — recebera uma herança e voltaria para as suas terras, para fazer as pazes com o passado.

Porthos recusou: certa viúva rica, dona de um bom dote, aceitara enfim se casar com ele. O gigante penduraria a espada para virar um respeitável senhor

de terras — de cinturão dourado na frente E atrás, agora.

Aramis recusou: dessa vez era sério, o convento o esperava. Ia trocar a espada pela batina, como sempre prometera — embora, conhecendo Aramis, ninguém apostasse que era o fim das suas aventuras.

— Então não me resta ninguém... — murmurou D'Artagnan, com os olhos cheios de lágrimas.

Athos pegou a patente, escreveu nela com sua letra firme o nome *D'Artagnan* e a devolveu:

— Você não tem mais amigos ao lado, meu filho. Mas tem um futuro inteiro pela frente. Seja tenente pelos quatro.

Nós quatro caberemos sempre no seu coração — e você no nosso.

E assim termina esta história: o menino que chegara a Paris num cavalo amarelo, com quinze escudos e uma carta roubada no bolso, tornou-se o tenente D'Artagnan, dos mosqueteiros do rei — e viria a ser, com os anos, um dos soldados mais famosos da França. Mas isso são outras histórias.

Desta, fica o que importa: quatro amigos que se conheceram marcando duelos e nunca mais se separaram de verdade; e um grito que atravessou os séculos e chegou até nós, tão vivo como naquela tarde atrás do convento:

— Um por todos e todos por um!

FIM

Notas do tradutor

Sobre esta adaptação. Os *Três Mosqueteiros* (1844), de Alexandre Dumas, é um dos romances de aventura mais lidos de todos os tempos. O original tem 67 capítulos e centenas de páginas, com muitas tramas paralelas da corte francesa. Nesta adaptação para leitores de 9 a 12 anos, o enredo, os personagens e o espírito da obra foram preservados; alguns episódios secundários foram resumidos ou incorporados à narrativa principal, e as cenas mais duras foram contadas com sobriedade, sem os detalhes do original.

História de verdade e história inventada. Dumas misturou personagens reais com in-

ventados. O rei Luís XIII, a rainha Ana de Áustria, o cardeal de Richelieu, o duque de Buckingham, o senhor de Tréville e o cerco de La Rochelle (1627-1628) existiram de verdade. D'Artagnan também existiu — foi um militar gascão do século XVII —, mas sua vida real era bem diferente; Dumas se inspirou em um livro de memórias sobre ele para criar o herói do romance. Athos, Porthos e Aramis foram nomes de mosqueteiros reais, sobre os quais pouco se sabe. O assassinato de Buckingham por John Felton, em Portsmouth, aconteceu de fato em 1628 — mas Milady, a grande vilã, é invenção de Dumas.

Alguns termos. Mosqueteiros eram soldados que lutavam com o mosquete, uma arma de fogo antiga, mas ficaram famosos mesmo pelas espadas. *Agulhetas* eram enfeites de joalheria usados nas roupas de gala. A *flor-de-lis* é o símbolo da realeza francesa; marcar criminosos com ferro quente era um castigo

real daquela época — uma crueldade que, felizmente, ficou no passado. A *Gasconha*, terra de D'Artagnan, é uma região do sudoeste da França cujos habitantes tinham fama de corajosos e orgulhosos. O famoso lema “Um por todos e todos por um” (“*Un pour tous, tous pour un*”) é citado no romance e virou símbolo de amizade e lealdade no mundo inteiro.

OS TRÊS MOSQUETEIROS

Alexandre Dumas

Adaptação

Anderson Abreu

Tradução

Elder Franca

Baixe Livros · 2026

Edição digital de distribuição gratuita.

baixelivros.com.br

ALEXANDRE DUMAS



Os Três MOSQUETEIROS



Na França de 1625, onde a intriga política dita as regras e o aço das espadas resolve as desavenças, o jovem e impetuoso d'Artagnan chega a Paris com um único sonho: tornar-se um mosqueteiro do Rei Luís XIII.

O que o rapaz provinciano não imaginava era que, logo em seu primeiro dia na capital, cruzaria o caminho de três lendas da guarda real — o nobre e atormentado Athos, o gigantesco e vaidoso Porthos, e o astuto e sedutor Aramis. O que começa como uma série de duelos mortais transforma-se rapidamente na mais inquebrável das alianças.

Juntos, esses quatro heróis improváveis precisarão unir forças, astúcia e suas lâminas para enfrentar as sombrias teias de conspiração do implacável Cardeal Richelieu e sobreviver aos encantos letais de sua espiã, a misteriosa Milady de Winter. Em jogo, não estão apenas suas vidas, mas a honra da Rainha e o destino de toda a França.

A obra-prima de Alexandre Dumas é muito mais do que o maior romance de capa e espada já escrito. É um épico atemporal sobre lealdade, coragem, traição e aventura. Uma narrativa vertiginosa que, há séculos, arrebatou o coração e a imaginação de leitores ao redor de todo o mundo.

